

A experiência de Hermann Blumenau nos negócios da emigração alemã (1844-1846).

VANESSA NICOCELI*

O seguinte trabalho busca identificar a complexidade de situações específicas da colonização estrangeira – no caso alemã – no Brasil na metade do século XIX. A proposta é seguir a experiência de Hermann Bruno Otto Blumenau no que se refere a sua atuação e envolvimento com a migração estrangeira. Esta experiência indica especificidades do jogo das negociações que se estabeleciam entre as Companhias de Imigração, seus sócios e agentes, no processo emigratório e de colonização no país..

O trabalho é um recorte de uma pesquisa em andamento, que se propõe a estabelecer como fio condutor a experiência de Hermann Blumenau. A noção de experiência é referencial para a compreensão das relações sociais dos sujeitos envolvidos neste processo, tendo como base metodológica o exercício de buscar articular o acompanhamento de um caso específico com o contexto maior que na qual se encontra inserido¹.

Nascido na cidade de Hasselfelde, então ducado de Brunswick², Hermann Blumenau em 1850 foi responsável pela fundação de uma colônia estabelecida na região do Vale do Itajaí, interior de Santa Catarina, onde passou a fomentar a colonização com imigrantes germânicos. Sua experiência esta relacionada a duas situações coloniais – particular e imperial. A primeira trata da colônia administrada com recursos próprios e por meio de empréstimos públicos entre 1850 e 1860. E a outra, decorrente entre 1860 e 1880, em que atua como diretor do núcleo colonial, estabelecido com a transferência da antiga colônia para a administração pública imperial.

Contudo, seu interesse pelo assunto da emigração e colonização alemã para o Brasil já havia iniciado anos antes de viajar ao Brasil, influenciado pelos contatos que estabeleceu com

* Mestranda em História pela Universidade Federal do Paraná. Pesquisa com financiamento CAPES.

¹ A noção de experiência é inspirada nos trabalhos de THOMPSON, Edward P. e a metodologia elegida para a pesquisa é baseada em elementos da Microhistória. Cf: THOMPSON, Edward P. *A miséria da Teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981; LEVI, Giovanni. *A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do Século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

² O ducado de Brunswick fazia parte da confederação alemã conforme estabelecido pelo Congresso de Viena após a guerra de libertação da França (1813-1815). Cf: SEYFERTH, Giralda. *A colonização alemã no Vale do Itajaí Mirim*. Porto Alegre: Garibaldi, 1974, p. 18.

intelectuais, políticos e naturalistas na Europa. Segundo Kormann, foi o convívio que teve com os naturalistas Alexander von Humboldt e Johann Friedrich Theodor Müller³ que “despertou” as ideias de emigrar ao Brasil. (KORMANN, 1994:13). Em 1844, enquanto trabalhava no Instituto Farmacêutico Hermann Tromsdorff (KIEFER, 2000, p. 27), Blumenau viajou para Londres e França, e neste período conheceu o então Cônsul Geral do Brasil na Prússia, Johan Jacob Sturz. Segundo Voigt, o cônsul apoiava a emigração alemã para as províncias do sul do Brasil após ter sido nomeado para o cargo no consulado brasileiro em 1842 (VOIGT, 2004: 17). Segundo biógrafos de Blumenau, foi por meio das instruções de Sturz que ele completou os estudos e doutorou-se na Universidade de Erlangen (FOUQUET, BLUMENAU), e a partir desta influência se dedicou a estudar sobre o processo da migração estrangeira da época, dando ênfase para a emigração alemã para o Brasil (SILVA, 1978: 16).

Em uma carta de março de 1844 afirmou já estar ocupado com o estudo do tema por dois anos (BLUMENAU, “Carta de 29 de março de 1844” apud VOIGT, 2004: 34). Portanto desde 1842, quatro anos antes de embarcar para o Brasil. Johann Jacob Sturz afirmou que o “jovem senhor Blumenau” havia expressado forte interesse por informações sobre a migração alemã em um encontro em Londres neste mesmo ano. Segundo o cônsul, Blumenau lhe havia parecido empolgado sobre o assunto, mas além de ser “meio surdo e muito míope” ainda carecia de experiência nos “negócios transatlânticos”. Para isto, recomendou ao jovem farmacêutico estudar mais sobre emigração e assentamentos, em livros e brochuras, inclusive em seus próprios escritos. O cônsul ainda incentivou a viagem de Blumenau com recomendações e apresentando-o a outras autoridades políticas como o Embaixador do Brasil na Prússia Visconde de Abrantes (STURZ apud VOIGT, 2004: 28).

Hermann Bruno Otto Blumenau tinha 27 anos quando chegou ao país pela primeira vez em meados de 1846, vindo de Hamburgo, com destino a cidade de Rio Grande na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, onde pôde observar a situação da imigração e colonização alemã na região. Posteriormente permaneceu no Rio de Janeiro, onde continuou

³ Johann Friedrich Theodor Müller, naturalista, doutor em filosofia e com grande atenção pela flora e fauna, era natural de Windischholxhausen, aldeia na Turíngia, próxima a cidade de Erfurt, onde Blumenau havia trabalhado em uma indústria de produtos químicos. Müller imigrou para a colônia dirigida por Blumenau em 1852. In: ZILIG, Cezar. *Dear Darwin: a intimidade da correspondência entre Fritz Müller e Charles Darwin*. São Paulo: Sky/Anima Comunicação e Design, 1997.

buscando apoio de autoridades políticas para seus planos de promover a imigração e colonização alemã, para isto encaminhou um projeto colonizador ao Governo Imperial, negociou serviços com uma Companhia de Colonização da cidade de Hamburgo, e esteve atento aos negócios do transporte de imigrantes alemães para o Brasil. Mantendo-se envolvido com o processo de desenvolvimento da imigração no país.

Após sua chegada no Brasil, Hermann Blumenau continuou em correspondência com Sturz, para compartilhar informações e posicionamentos sobre o processo colonizador no Brasil. Nestas cartas, revelou planos de promover a emigração, principalmente pelo porto de Hamburgo. Por meio da análise destas missivas, bem como, das normas legislativas que regiam o processo de imigração de estrangeiros, ainda com a bibliografia sobre o período, este estudo busca compreender aspectos da experiência de Blumenau ainda não debruçados pela historiografia: sua atuação dentro do jogo de negócios do transporte de colonos para o Brasil, em que buscava o apoio de autoridades políticas do período, com o objetivo de favorecer-se como agenciador do transporte de pessoas pelos portos de embarque das cidades alemãs. Por meio desta experiência, o trabalho busca identificar a situação de negócios dados nas relações e disputas comerciais entre companhias e sociedades de imigração e as atribuições do governo brasileiro no incentivo e promoção da emigração alemã para o Brasil.

1. A emigração alemã para o Brasil: negócios comerciais entre o Brasil e Hamburgo

No século XIX uma parte significativa da população europeia se transferiu para a América. Entre os migrantes que se deslocavam da Europa para o outro lado do oceano estavam os que partiam da Federação Alemã, em decorrência de mudanças políticas e sociais (KLEIN, 2011: 22) que ocorriam nos seus vários estados. A causa maior da emigração era a crise dos meios de subsistência causada pelo crescimento demográfico que excedia o desenvolvimento econômico, ao mesmo tempo em que decorria a crise de produção agrícola, e os problemas da produção artesanal com a ascensão da indústria (RICHTER, 1982/1983: 76-77). As condições de crise nos setores da economia, tanto urbana quanto rural, causaram um empobrecimento sem precedentes em diversas camadas sociais da população (KIEFER, 1999: 29).

A crise camponesa se desenvolveu de forma diversa em cada Estado alemão. Segundo Seyferth, os problemas estavam relacionados às mudanças agrícolas, suscitadas pelo regime feudal ainda existente, a mecanização do campo, e até mesmo a diminuição do tamanho dos lotes cultivados pelas famílias camponesas, o que ocorreu com a alteração da legislação das heranças, que previu a divisão das propriedades entre os filhos homens. Concorreu ainda para a crise agrícola as altas taxas de impostos que os pequenos agricultores eram submetidos. Todos estes fatores contribuíram para o crescimento do êxodo rural. Aliada à crise no campo, havia nas cidades o processo de mudança causada pela revolução industrial, e o desenvolvimento do comércio exterior, que possibilitou a criação de uma classe de trabalhadores mal remunerados, sem qualificação, na grande maioria, antigos camponeses fugidos da crise agrícola (SEYFERTH, 1978). Essas pessoas, em grande medida, irão compor os fluxos migratórios em direção à América.

Segundo Richter, a quantidade de emigrantes que se dirigiram à América, durante o século XIX, varia conforme o período, havendo momentos de grande fluxo, e outros em que o número de migrantes é relativamente pequeno. Nos anos entre 1846 e 1857 – período de intensa emigração – o número de pessoas que saíram dos Estados Alemães somou 1.266.500, principalmente das regiões oeste e sudoeste. Deste contingente, cerca de 90% se dirigiram aos Estados Unidos (RICHTER, 1982/1983: 76), o restante seria dividido entre outros países da América do Sul e a Austrália. A preferência pelos Estados Unidos, segundo Seyferth, se dava pelas melhores condições ofertadas aos imigrantes, como a travessia em menor tempo, menor custo financeiro, propaganda mais eficiente, e também um modelo liberal de colonização mais atraente (SEYFERTH, 2007: 60).

Richter afirma que devido à crise em que viviam os Estados Alemães, a partir de 1845 nenhum governo alemão estava mais interessado em restringir a emigração. Em alguns casos, especialmente na região sudoeste, as autoridades políticas financiavam o transporte de emigrantes considerados “marginais” para países receptores do contingente migratório (RICHTER, 1982/1983: 77). Segundo Holanda, dado o pauperismo de muitas regiões, as autoridades alemãs colaboraram na atuação dos agentes que arregimentavam emigrantes, com o adiantamento de somas necessárias para cobrir para estes, as passagens e sustento durante a viagem (HOLANDA, 1972: 28). Esta situação foi alterada em algumas regiões no final da

década de 1850 com o Restrito Von der Heydt, que proibiu agentes de angariarem emigrantes para o Brasil em território prussiano (RICHTER, 1992: 15).

Segundo Kiefer, o feudalismo dos Estados alemães se contrapunha às ideias do nacionalismo e do liberalismo. O que tornava impossível atender a um Estado unificado, que garantisse a todos a liberdade de exercerem seus direitos políticos, com isso, a intenção de assegurar as diversas posições foi repelida com severas repressões (KIEFER, 1999: 29). Como considerou Seyferth, eram inúmeros pequenos Estados com orientações políticas próprias que compunham a Confederação Alemã, o que demonstra o caos político que se encontravam (SEYFERTH, 1974: 18). Esta situação só iria se resolver em 1871, com a unificação, e criação do Império Alemão.

Segundo Richter, não houve a efetivação de uma política de imigração pelos governos alemães, com isso coube a particulares encontrar soluções práticas para impulsionar e desenvolver a emigração nos diversos Estados. Entre os anos de 1840 e 1850, foram fundadas cerca de trinta sociedades emigratórias e colonizadoras (RICHTER, 1982/1983: 77). Os incentivos ao desenvolvimento da emigração, como arregimentação e transporte de migrantes, partiram de iniciativas particulares que formavam sociedades ou companhias. Estas empresas costumavam estar localizadas em pontos estratégicos, nas regiões com portos com capacidade de escoamento de produtos e, conseqüentemente de grande número de pessoas que desejavam emigrar. Hamburgo, por exemplo, possuía localização privilegiada e potencial portuário para garantir a emigração em larga escala. A cidade concentrou negociações comerciais de empresários interessados em promover a emigração alemã por meio de seu porto.

À época em que Blumenau esteve em Hamburgo, as relações comerciais entre este porto e o Brasil já eram um tanto antigas. Segundo Schröder as primeiras negociações entre Brasil e Hamburgo tiveram início com a abertura dos portos em 1808, e se desenvolveram de forma lenta. Entre os anos de 1814 e 1818, o número de navios provenientes do Brasil – Bahia, Rio de Janeiro, Maranhão – que atracaram no porto cresceu de dois para 30 (SCHRÖDER, 2003:33). Richter, por sua vez, afirma que as relações comerciais entre Hamburgo e o Brasil se desenvolveram principalmente após a independência, e atingiram proporções importantes em meados do século XIX (RICHTER, 1982/1983: 77). As negociações eram realizadas por meio de firmas ou casas comerciais que se instalaram no

Brasil⁴ importando – manufaturados – e exportando produtos como café e açúcar.

Algumas empresas se envolviam essencialmente com o comércio de mercadorias e produtos por meio da exportação e importação, e muitas vezes possuíam uma frota de navios, ou alugavam embarcações para realizar o transporte destes bens. Havia ainda, casas comerciais que agenciavam negociações entre compradores e vendedores dos produtos e mercadorias nos dois países. Dysarz em seu estudo sobre os suíços da Colônia Superaguí, no litoral do Paraná, afirma que as casas de comissão suíças eram companhias de exportação e importação de mercadorias a atacado, retiravam seu lucro no agenciamento entre compradores e vendedores de várias partes do globo, recebendo comissão sobre as vendas. Além disto, estas empresas funcionavam geralmente com duas sedes, uma na Europa e outra no Rio de Janeiro, no caso do Brasil, e se mantinha com forte caráter familiar (DYSARZ, 2013:16).

Uma das casas comerciais que se destacou neste sentido foi a Christian Mathias Schröder e Cia, fixada em Hamburgo, que atuou como casa comercial e companhia de navegação e desempenhou um papel importante nas relações entre Brasil e Hamburgo. Segundo Richter, as negociações iniciaram em 1778 com Portugal, com o transporte em veleiros próprios e alugados de produtos coloniais brasileiros; após 1830 se dedicou a importar açúcar da Bahia e do Rio, efetuando quatro a seis viagens por ano, e em 1846, foi a primeira em Hamburgo a desenvolver o transporte de emigrantes para o Brasil (RICHTER, 1982/1983: 82). Esta empresa também esteve envolvida com a Sociedade de Proteção dos Imigrantes Alemães do Sul do Brasil, fundada em 1846 em Hamburgo, a que Hermann Blumenau se manteve em negociação.

Conforme Richter, Hamburgo possuía o maior porto dentre os Estados e Cidades Livres e Hanseáticas Alemãs e também dispunha de condições de promover o programa de colonização transatlântica (RICHTER, 1982/1983: 77). Devido aos interesses de armadores e exportadores que negociavam através do porto, houve uma disputa com comerciantes de outras cidades portuárias interessadas na migração. Em carta já mencionada, de 29 de março de 1844, Hermann Blumenau comentou que estava observando “as novidades do movimento

⁴ SCHRÖDER cita as primeiras firmas: R. Groning & Co, J. CV. F. Hagedorn, Berenberg, Gossler & Co., Sillem, Benecke & Co, C.F.Bauer, M. J. Haller, C. M. Schröder & Co, Lutteroth & Co, Stresor & Gries, Pitcairu, Brodies & Co, Schwartz Gebr., N.B. Eybe e outras mais. Cf: SCHRÖDER, Ferdinand. *A imigração alemã para o sul do Brasil*. Trad. Martin Dreher. São Leopoldo/Porto Alegre: Ed. Unisinos/EDIPUCRS, 2003, p. 33.

migratório” nos portos de Bremen e da Baviera⁵. O que o interessava, então, era saber qual dos dois portos seria mais propício à emigração. Blumenau buscou especialmente “encontrar de algum modo condições de número [de emigrantes], com os quais se podiam contar” (BLUMENAU, “Carta de 29 de março de 1844” apud VOIGT, 2004: 34) para garantir o transporte de emigrantes em larga escala. Assim, o interesse em observar estes locais é um indício de que em 1844, antes mesmo de rumar ao Brasil, Blumenau já estava atento aos negócios da emigração, em especial às condições de transporte de emigrantes.

No ano de 1846, comerciantes da cidade de Bremen haviam iniciado negociações comerciais com o vice-cônsul brasileiro no Rio de Janeiro, já relacionadas à imigração. Bremen era cidade vizinha e rival de Hamburgo, disputando a proeminência dos negócios que se viabilizavam pelo porto, e buscava atrair a maioria dos emigrantes alemães, para serem embarcados aos Estados Unidos (RICHTER, 1982/1983: 77). Um comentário sobre este aspecto foi feito pelo Visconde de Abrantes em 1846, então embaixador do Brasil em Berlim. Interessado na atração de “colonos úteis” (ABRANTES, 1941: 865), Abrantes compôs um estudo sobre mudanças que iriam proporcionar a migração para o Brasil. Segundo ele, em termos econômicos era mais viável ao Brasil efetuar o embarque de colonos nos portos com maiores relações comerciais como Hamburgo, Antuérpia e Bremen (ABRANTES, 1941: 835). Neste sentido estes três locais eram palco de disputa, entre os interessados neste negócio, pelo domínio da negociação do transporte de emigrantes em larga escala.

Portanto, na década no final da década de 1840, os negócios da migração já eram tratados como investimento comercial, as negociações que se estabeleciam entre acionistas – pessoas com recursos financeiros, firmas comerciais e de navegação – e as Sociedades formadas por estes investidores, com o objetivo de fomentar os projetos de emigração e colonização, mostram que o agenciamento, transporte e fixação de migrantes podia ser um bom negócio para quem os empreendia.

⁵ A carta de 29 de março de 1844 de Blumenau, foi transcrita por Johann Jacob Sturz no capítulo “Die Auszüge aus Herrn Blumenau’s Briefen” (Os extratos das cartas do Dr. Blumenau) do livro do mesmo autor “Die Deutsche Auswanderung und die Verschleppung deutscher Auswanderer” em 1868. Na página 33 da transcrição, ao se referir às observações feitas por Blumenau, há o seguinte parêntese do autor: (aqui algumas anotações de Bremen e da Baviera no ano de 1843). Essas observações não foram transcritas pelo autor, e consequentemente não foram traduzidas no livro *Cartas Reveladas* organizado e traduzido por André Fabiano Voigt.

2. Hermann Blumenau e a complexidade dos negócios da emigração.

Durante o período em que esteve em Hamburgo em 1846, Blumenau procurou se envolver com pessoas também interessadas em promover o desenvolvimento da emigração na cidade. Segundo afirmou, seus planos iam ao encontro dos interesses dos “senhores” da cidade, comerciantes abastados e políticos influentes, pois estes queriam “fazer alguma coisa” pelo desenvolvimento dos negócios pelo porto.

Para a colonização e imigração o interesse começa a despertar agora. Eu falei muito a este respeito com senhores daqui, estes querem fazer alguma coisa, mas não querem começar, dizem que o início tem que vir de Berlim e Londres. Mas que o comodismo e a apatia estraga, a inveja para com Bremen novamente iguala. Eu creio que feito primeiro o começo, o negócio vai a frente (BLUMENAU, Carta de 30 de março de 1846).

Blumenau considerou que o assunto da emigração estava sendo pouco discutido em Hamburgo por motivos ligados ao “comodismo e apatia” dos comerciantes e políticos da cidade, mas em contrapartida, a “inveja” para com Bremen poderia impulsionar o processo de desenvolvimento de emigração. Como já comentado as duas cidades disputavam comercialmente o transporte de emigrantes por seus portos, e o porto hamburguês possuía capacidade de expedir grandes levas migratórias (RICHTER, 1982/1983: 77), no entanto, Blumenau ressaltou o estado apático de Hamburgo para com a emigração, o que pode ter relação ao baixo número de migrantes embarcados na cidade. Segundo Abrantes, no ano de 1844 enquanto Bremen ficou responsável pelo envio de 19.836 migrantes, o porto hamburguês embarcou 1.774 pessoas (ABRANTES, 1941: 835).

Blumenau interessou-se pelo desenvolvimento da emigração para o Brasil na cidade, considerando que o negócio tomaria “frente” e só necessitava do impulso inicial. Por meio deste envolvimento recebeu atenção de pessoas também interessadas neste negócio. No entanto, os “senhores” com que falou em Hamburgo, pareciam tentar contornar o assunto sobre o transporte de emigrantes pelo porto, pois diziam que deixariam a cargo de Berlim e Londres as primeiras iniciativas para o desenvolvimento da emigração.

Embora seja difícil afirmar que Blumenau não tenha conseguido realizar nenhum negócio mais concreto com os comerciantes hamburgueses, é certo que o interesse pelo

desenvolvimento da emigração no porto da cidade não era tão pequeno. Ainda mais porque em abril de 1846 – enquanto ele viajava ao Brasil - era constituída em Hamburgo a “Sociedade de Proteção dos Emigrados Alemães no Sul do Brasil”, composta por comerciantes e armadores da cidade. Esta sociedade teria como objetivo promover a emigração alemã para o Brasil a partir daquele porto. (RICHTER, 2004: 12) A formação de uma empresa interessada com este interesse indica que os comerciantes, caracterizados por Blumenau pela pouca atenção na emigração, não estavam tão desinteressados pelos negócios como ele havia descrito.

Segundo Balhana, as empresas ou companhias de imigração e colonização concorriam pelo recrutamento de emigrantes para angariar os recursos oficiais e auxílios concedidos à imigração pelo governo brasileiro (BALHANA, 2003: 140). O governo garantia pelo decreto número 356 de 26 de abril de 1844, por exemplo, a redução das taxas de ancoragem aos capitães ou donos dos navios que haviam transportado colonos emigrantes para o Brasil. O valor estipulado por pessoa não poderia exceder o valor de sessenta mil réis e, além disso, havia um acréscimo de 1% para cada dezena de emigrantes a mais que o navio trazia (Decreto 356 de 26 de abril de 1844, apud IOTTI, 2001: 103-104).

Desta forma, o transporte de migrantes para o Brasil, garantia vantagens financeiras às companhias e empresas de imigração, pois estas recebiam o desconto na taxa de ancoragem nos portos brasileiros, no valor correspondente ao número de colonos trazidos. Desta forma, aumentava conseqüentemente o lucro do comércio de outras mercadorias e produtos, que também eram transportados nestas embarcações e negociados pelas casas comerciais.

Em uma carta que escreveu em 1846 enquanto se encontrava em Rio Grande, dirigida a Johann Jacob Sturz, demonstrou estar atento à situação. Blumenau se referiu às disputas pelo transporte de emigrantes entre as cidades e à maneira como ele requisitou de Cansanção de Sinimbu, que fosse favorecido no sentido de “puxar a emigração” daquelas cidades para o Brasil. Como informou Blumenau, Sinimbu era redator do Correio Oficial da Província do Rio Grande do Sul (BLUMENAU, “Carta a Sturz de 11 de agosto de 1846” apud VOIGT, 2004: 35). Havia também exercido a função de Ministro Residente na República Oriental do

Uruguai e também ocupou as pastas dos Estrangeiros em 1859.⁶ Ele contava a conversa que havia tido com o redator, narrando a Sturz que:

Ao mesmo tempo eu lhe expliquei que, se quisesse contrair comigo ou, ao mesmo, me conceder a preferência, pois se Bremen e Hamburgo também começassem, e que cada cidade passe a cuidar só de si e de sua navegação e excluir os outros, que então surgirão na Alemanha – como aqui – ciúmeiras e denúncias, o que impediria a realização de uma colonização eficaz; que Bremen, se for negligenciada, dirigir-se-á totalmente à América do Norte, e Hamburgo sozinho, porém, não conseguiria puxar a emigração; por isso uma concentração sob os meus cuidados seria o caminho mais seguro, etc. Eu aí também transportaria através de Antuérpia e Havre (BLUMENAU, “Carta de 11 de agosto de 1846” apud VOIGT, 2004: 37).

Além de ter evidenciado a disputa que havia entre as cidades alemãs, Hermann Blumenau deixava claro seu interesse neste assunto. O alemão buscou, por meio de seus contatos com autoridades brasileiras, negociar sua atuação na emigração em larga escala. Para isto, se colocava na posição de solucionador das disputas entre as cidades alemãs, viabilizando o escoamento de imigrantes de Bremen, Hamburgo e até Antuérpia e Havre.

Como mostra o fragmento da carta, Hermann Blumenau parecia ter mais interesse em que as concessões fossem entregues a Bremen e Hamburgo, pois como vimos, ele conhecia melhor estes dois centros: além de ter estado em Hamburgo, onde tratou de negócios da emigração com comerciantes e políticos que formariam a “Sociedade de Proteção dos Emigrantes do Sul do Brasil”⁷; ele havia também realizado observações nos portos de Bremen em 1844 (BLUMENAU, “Carta de 29 de março de 1844” apud VOIGT, 2004: 34). Blumenau se dispôs a embarcar pessoas destes portos; considerando que sem ele, dadas as “ciúmeiras e denúncias” das disputas entre as companhias e agentes que atuavam nas cidades, haveria apenas uma cidade que enviaria migrantes ao Brasil, o que para ele, impediria “a realização de uma colonização eficaz”. Ele se propunha, justamente, a evitar que isso acontecesse.

A troca de informações entre Hermann Blumenau e o cônsul Johann Jacob Sturz sobre o transporte de emigrantes dos portos alemães, pode indicar também o interesse do cônsul na emigração para o Brasil. Segundo Voigt, o cônsul Sturz buscou negociar um contrato

⁶ http://www.fazenda.gov.br/portugues/institucional/ministros/dom_pedroII030.asp.

⁷ Hermann Blumenau manteve contatos com autoridades políticas e comerciantes em Hamburgo, como Friedrich Gültzow, Christian Mathias Schröder e Hermann Schröder que estiveram envolvidos na fundação da “Sociedade de Proteção dos Emigrantes do Sul do Brasil” em 1846. Cf: RICHTER, Klaus. 2004; RICHTER, Klaus, 1992.

comercial entre o Brasil e a Prússia em 1842, e após isso procurou incentivar a emigração alemã para províncias do sul do Brasil (VOIGT, 2004: 17). Segundo o já mencionado decreto 356 de 1844, os cônsules e vice-cônsules que seguissem este regulamento seriam remunerados pelo serviço prestado em sua execução (Decreto 356 de 26 de abril de 1844, apud IOTTI, 2001:105). Desta forma, é possível que esta remuneração fosse de interesse do cônsul ao impulsionar o transporte de emigrantes alemães para o Brasil.

Em setembro de 1846, um mês depois de ter feito as suas considerações sobre as disputas entre os portos do norte da Europa, Hermann Blumenau se referiu a outra conversa que tivera com Cansação de Sinimbu. Desta vez parece que ele deixava mais claro que o que pretendia era receber uma concessão para realizar a transferência de migrantes.

Nesta oportunidade, primeiramente eu ressaltai em favor da minha proposta, que se quisesse me dar uma concessão, eu conseguiria reunir todos os interesses especiais de todos os concorrentes, portanto a esperança existiria para uma imigração maior do que se fosse dar uma concessão aos outros; eu poderia transportar através de Hamburgo, Bremen e Antuérpia, enquanto que os outros sempre só queriam transportar através de seus portos e, portanto, não seria possível pensar em uma grande imigração, pois então os menos privilegiados se iriam decidir por Texas e a América do Norte. Porém, se não quiserem me dar uma concessão, então teriam que dar uma a Hamburgo, e esta precisa ser a primeira, porque ela tem o maior comércio por aqui, a América do Sul, enquanto que Bremen e Antuérpia possuem bem menos (BLUMENAU, “Carta de 14 de setembro de 1846” apud VOIGT, 2004: 40).

São claras as intenções de Hermann Blumenau em relação à transferência de migrantes para o Brasil. Parece que a concessão não foi dada nem a ele nem a nenhuma companhia em especial, todas realizando agenciamento de migrantes.⁸ Entretanto, é evidente que ele aspirara empreender a imigração em massa para o Brasil, se colocando em disputa com Companhias ou agentes estabelecidos nestes locais, também com interesse no transporte de imigrantes para o país. Se ele conseguisse a concessão para operar em Hamburgo poderia, inclusive, se tornar concorrente da Sociedade de Proteção Hamburguesa, companhia com a qual vinha estabelecendo vínculos.

Ou, de outro lado, a concessão poderia ser uma moeda de troca para que ele se tornasse parte da sociedade da Companhia Hamburguesa, tal como pretendia. Isso se pode

⁸ Na bibliografia consultada não foi encontrada referências sobre a entrega de concessões à Companhias ou Agentes dadas pelo Governo Brasileiro, para agenciar o transporte de migrantes nos portos europeus.

depreender do pedido que mencionou a Sturz, em setembro de 1846: queria que lhe fossem dados “40 até 50 ações e um emprego condizente” (BLUMENAU, “Carta de 14 de setembro de 1846” apud VOIGT, 2004: 40) em troca de serviços que estavam sendo negociados com aquela Sociedade.⁹ Além disso, seu trabalho seria uma forma de impedir que os imigrantes, principalmente os menos privilegiados, se decidissem pelo Texas e a América do Norte. Como já comentado, a América do Norte foi a grande receptora dos fluxos imigrantes durante o século XIX.

Os vínculos que manteve com a Sociedade Hamburguesa são constantemente caracterizados por Blumenau como indefinidos e incertos.

Quando recomendou que as autoridades brasileiras preferissem efetivar concessões a Hamburgo na carta de 14 de setembro de 1846, Hermann Blumenau já mantinha vínculo em aberto com a Sociedade de Proteção Hamburguesa. Segundo ele próprio informou, em setembro de 1846, quando já se encontrava no Rio de Janeiro, teria resolvido aceitar a proposta feita pelos hamburgueses (BLUMENAU, “Carta de 16 de setembro de 1846”). O acordo previa remuneração, resgates das custas das viagens e hospedagem, e a possibilidade de colocação em um cargo (BLUMENAU, “Carta a Sturz de 14 de setembro de 1846” apud VOIGT, 2004: 45).

A recomendação dada por Blumenau, de que caso a concessão não fosse dada a ele deveria ser entregue a Companhia Hamburguesa, pode ser interpretada como uma tentativa de favorecer-se. O interesse do químico pelo porto da cidade de Hamburgo como local central para envio de emigrantes pode ter sido influenciado pela relação que estabeleceu com a Companhia interessada na imigração para o Brasil, fixada na cidade de Hamburgo.

No período inicial de sua viagem, Hermann Blumenau também depositou esperanças na proposta de colonização que havia enviado ao governo, em que requisitou a concessão de terras públicas para a implantação de um empreendimento colonial de imigrantes alemães (BLUMENAU, “Carta de 11 de agosto de 1846” apud VOIGT, 2004: 34-37). Desta forma, ele estava a mercê da resolução de seus negócios: ficava na disposição da Sociedade

⁹ Apesar de Blumenau não citar a data precisa de união com os hamburgueses em suas correspondências, Richter considera que a data seja 10 de setembro deste mesmo ano. Cf: RICHTER, Klaus. A primeira viagem do Dr. Blumenau para Santa Catarina em abril de 1847. . In: Blumenau em Cadernos edição especial 50 anos. Tomo XLVIII. Nov/Dez. n.º 11-12, 2007, p. 83

Hamburguesa, enquanto direcionava interesses de agenciar a emigração em larga escala para o Brasil pelos portos alemães, e ainda via no seu projeto particular meios de alcançar a administração de uma extensa colonização no país.

Sua atuação revela que para estar inserido no processo de colonização e imigração alemã no Brasil necessitava de apoio político para que seus planos tomassem forma. Desde 1846, Blumenau buscou junto ao governo brasileiro, por meio de autoridades políticas amparo para seus planos. A relação que manteve com Cansanção de Sinimbu indica uma das possibilidades de negociação para Hermann Blumenau. Ele buscou encontrar por meio desta autoridade política, influência para seus objetivos ligados ao transporte de imigrantes. Buscou receber concessões para realizar o transporte de migrantes para o Brasil, argumentando que só por meio de sua atuação poderia embarcar pessoas de vários portos; sem ele, dadas as disputas entre as companhias e agentes que atuavam nas cidades, haveria apenas um porto de envio de migrantes ao Brasil. Suas estratégias de atuação indicam que Blumenau buscava compor possibilidades de negócios para sua permanência no país, ambas as alternativas permitiam a ele constituir relações e contatos ligados ao desenvolvimento da imigração e ao processo colonizador no Brasil.

Considerações finais

Hermann Blumenau demonstrou estar interessado pelo desenvolvimento do transporte de emigrantes nos portos alemães desde 1844, quando observou as condições de embarque dos portos de Bremen e Baviera. Em 1846, após sua chegada ao Brasil, esteve envolvido com o processo de imigração e colonização para o Brasil, negociando serviços com uma Companhia Colonizadora da cidade de Hamburgo, enviou também um projeto de colonização ao Governo Imperial e continuou a se preocupar com o transporte de colonos emigrantes alemães.

As companhias e empresas fixadas em cidades como Hamburgo e Bremen buscavam promover a emigração para o Brasil, pois havia interesses comerciais próprios. O governo brasileiro previa o desconto nas taxas de ancoragem dos navios, por número de colonos, e um valor excedente por dezena de emigrantes embarcados, que representavam aumento no lucro

na comercialização de produtos e mercadorias que também eram transportadas nas embarcações.

Nas cartas que enviou para o Cônsul Johann Jacob Sturz, Blumenau descreveu seus planos de incentivar a emigração alemã para o Brasil pelo porto de Hamburgo, e o apoio que buscava de autoridades políticas brasileiras, como Cansação de Sinimbu, para concretizar este objetivo. Hermann Blumenau considerou como melhor alternativa para uma colonização eficaz no Brasil, a concessão a ele próprio da condução do transporte de emigrantes alemães nos portos de cidades como Bremen e Hamburgo – cidades que já mantinham negociações comerciais com o Brasil.

Sua atuação seria de solucionador das disputas comerciais entre as cidades com a função de agenciar o transporte dos emigrantes nos portos, impedindo que interesses dos empresários de cada porto prejudicassem o processo de emigração, proporcionando assim, que todos estes locais enviassem emigrantes para o Brasil. Em um âmbito maior, a articulação de sua trajetória com os negócios da emigração, indica que o transporte de emigrantes para o Brasil se configurava como um negócio comercial, dentro das demais relações de negócios travados entre o Brasil e os portos alemães. A experiência de Hermann Blumenau indica que sua estratégia foi manter-se envolvido ao processo de desenvolvimento emigratório alemão para o Brasil, como uma das alternativas de negócios neste âmbito, mesmo sem alcançar êxito, buscou tomar frente das negociações necessárias para o êxito emigratório.

Referências Bibliográficas

ABRANTES, Visconde de. Memórias sobre o meio de promover a colonização. In *Revista de Imigração e Colonização*, ano II, n. 2/3, 1941.

BALHANA, Altiva Pilatti. Política imigratória no Brasil meridional. In: WESTPHALEN, Cecília Maria. *Um Mazzolino de Fiori* (Org.) V. III. Curitiba: Imprensa Oficial, 2003.

BLUMENAU, Cristina. O Doutor Hermann Blumenau: um colonizador alemão no Brasil. In: *Blumenau em Cadernos*, Blumenau, Tomo I, n. 5, mar, 1958.

DYSARZ, Caiubi Martins. Os suíços de Superagui: colonização e imigração no Paraná do século XIX. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em História. UFPR. 2013.

FOUQUET, Karl. Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau – Vida e Obra. In: *Blumenau em Cadernos*, Tomo 39, n. 10, out, 1999.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Prefácio do Tradutor. In: DAVATZ, Thomas. *Memórias de um colono no Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1972. p 28.

KIEFER, Sabine. Dr. Hermann Blumenau – Vida e Obra. In: FERREIRA, Cristina; PETRY, Sueli Maria Vanzuita (Org). *Um alemão nos trópicos: Dr. Blumenau e a Política Colonizadora no Sul do Brasil*. Blumenau: Cultura em Movimento, 1999.

KLEIN, Karl. Emigrar. In: FERREIRA, Cristina. *Vivências e Narrativas de um blumenauense*. Blumenau: Cultura em Movimento, 2011.

KORMANN, Edith. *Blumenau, arte, cultura e as histórias da sua gente*. (1850-1985). Florianópolis: Paralelo 27, 1994, p. 13.

LEVI, Giovanni. *A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do Século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

RICHTER, Klaus. A fundadora de Joinville: sociedade colonizadora de 1849 em Hamburgo. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina*. 3º fase. Nº 4. 1982-1983.

RICHTER, Klaus. A primeira viagem do Dr. Blumenau para Santa Catarina em abril de 1847. In: *Blumenau em Cadernos edição especial 50 anos*. Tomo 48. Nov/Dez. nº 11-12, 2007.

RICHTER, Klaus. *A sociedade colonizadora Hanseática de 1897 e a colonização do interior de Joinville e Blumenau*. Florianópolis/Blumenau: Editora da UFSC/Editora da Furb, 1992.

RICHTER, Klaus. Os primórdios da colonização sistemática alemã em Santa Catarina – 1846-1848. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina*. 3º fase, n 23, 2004.

SCHRÖDER, Ferdinand. *A imigração alemã para o sul do Brasil*. Trad. Martin Dreher. São Leopoldo/Porto Alegre: Ed. Unisinos/EDIPUCRS, 2003.

SETFERTH, Giralda. O Vale do Itajaí e a política Imigratória do Império. In: *Blumenau em Cadernos edição especial 50 anos*. Tomo 48, Nov/Dez. nº 11-12, 2007.

SEYFERTH, Giralda. *A colonização alemã no Vale do Itajaí Mirim*. Porto Alegre: Garibaldi, 1974.

SILVA, José Ferreira da. *O doutor Blumenau*. Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1978.

STURZ, Johan Jacob. “Os extratos das cartas do Dr. Blumenau”. In: VOIGT, André Fabiano. (Org) *Cartas reveladas: a troca de correspondências entre Hermann Blumenau e Johann Jacob*

Sturz. Blumenau: Cultura em Movimento, 2004.

THOMPSON, Edward P. A miséria da Teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981;

VOIGT, André Fabiano. (Org) *Cartas reveladas*: a troca de correspondências entre Hermann Blumenau e Johann Jacob Sturz. Blumenau: Cultura em Movimento, 2004.

Fontes:

ARQUIVO PÚBLICO JOSÉ FERREIRA DA SILVA. BLUMENAU, Hermann Bruno Otto. “Carta aos pais e parentes, Hamburgo de 30 de março de 1846”. Carta nº 01 - PAG 04-06 – Doc 01 – 2.3.4.1.1

ARQUIVO PÚBLICO JOSÉ FERREIRA DA SILVA. BLUMENAU, Hermann Bruno Otto. “Carta aos pais e parentes, Rio de Janeiro de 16 de setembro de 1846”. Carta nº07 – PAG 29-32 – Doc. 01 – 2.3.4.1.1.

BLUMENAU, Hermann Bruno Otto. “Carta a Sturz em 29 de março de 1844”. In: VOIGT, André Fabiano. (Org) *Cartas reveladas*: a troca de correspondências entre Hermann Blumenau e Johann Jacob Sturz. Blumenau: Cultura em Movimento, 2004..

BLUMENAU, Hermann Bruto Otto. “Carta a Sturz de 11 de agosto de 1846”. In: VOIGT, André Fabiano. (Org) *Cartas reveladas*: a troca de correspondências entre Hermann Blumenau e Johann Jacob Sturz. Blumenau: Cultura em Movimento, 2004.

BLUMENAU, Hermann Bruto Otto. “Carta a Sturz de 15 de agosto de 1846”. In: VOIGT, André Fabiano. (Org) *Cartas reveladas*: a troca de correspondências entre Hermann Blumenau e Johann Jacob Sturz. Blumenau: Cultura em Movimento, 2004.

BLUMENAU, Hermann Bruno Otto. “Carta a Sturz de 14 de setembro de 1846”. In: VOIGT, André Fabiano. (Org) *Cartas reveladas*: a troca de correspondências entre Hermann Blumenau e Johann Jacob Sturz. Blumenau: Cultura em Movimento, 2004.

Decreto 356 de 26 de abril de 1844. In: IOTTI, Luiza Horn (Org). *Imigração e colonização*: legislação de 1747 – 1915. Caxias do Sul/Porto Alegre: EDUCS/ Assembleia Legislativa do Estado do RS, 200, pp. 103-105.

BLUMENAU, Hermann Bruno Otto. “Carta a Sturz, de 29 de março de 1844”. In: VOIGT, 2004, p. 34.

http://www.fazenda.gov.br/portugues/institucional/ministros/dom_pedroII030.asp.